Felipe Feijão

o frango morto que voou

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2023

miolo-ofrangomorto.indd 3 14/07/2023 15:02:05

Habemus vacina

Dezenas de países já haviam começado suas campanhas e milhões de estrangeiros já estavam vacinados, quando o País acompanhou atentamente o momento histórico do começo da vacinação. A pandemia iniciada no ano passado, permanece contaminando (mais de 8 milhões), matando (o número já passou de 212 mil brasileiros) e causando efeitos catastróficos na vida prática de inúmeras pessoas, sobretudo das mais vulneráveis.

Muitos vivem como se não houvesse em circulação um vírus capaz de matar, não a todos, não necessariamente a esses que se negam a crer na gravidade da situação, mas os mais doentes e idosos, que por vezes se resguardam e creem na seriedade do momento. Não bastassem as dificuldades sociais, políticas e econômicas, que castigam o povo, a existência de movimentos negacionistas, questionadores da ciência e da eficácia da vacina, envergonha, entristece e pode prejudicar e colocar em risco a vida de inúmeras

miolo-ofrangomorto.indd 13 14/07/2023 15:02:05

pessoas. A baixa quantidade de vacinas da primeira remessa, enviada aos Estados, deixa ainda sem proteção os grupos prioritários, enquanto o número diário de mortes segue alto e sistemas de saúde agonizam. Haverá celeridade na busca por mais vacinas?

Na nova encíclica Fratelli tutti, o Papa Francisco alerta para a forte presença do individualismo nas sociedades contemporâneas. O coronavírus, dentre seus muitos efeitos, forçou a parada de atividades, da chamada vida normal e fez com que a humanidade parasse por um momento. Mas mesmo assim, o mundo continua rápido, as pessoas continuam apressadas, o que é fruto da perversidade do sistema em que tempo é dinheiro. A incapacidade de olhar para o outro como ser semelhante, de se compadecer de suas dores, marca a época atual de liquidez social. Diz o Papa na referida encíclica: "o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer" (105).

No Brasil, devido ao fim do auxílio emergencial, há o risco eminente do aumento da pobreza (já são mais de 14 milhões de família nessa situação), da fome (o país havia saído do mapa da fome durante governo duramente criticado), da desigualdade. No Ceará, mais de 5 milhões de pessoas vivem na pobreza. Diante do aumento do pauperismo, qual o projeto político de enfrentamento a essa situação? Cruzar os braços e dizer que não consegue fazer nada, não pode ser a resposta muito menos a atitude de quem tem nas mãos o poder.

O Estado, 22/01/21

miolo-ofrangomorto.indd 14 14/07/2023 15:02:05

Até quando?

É muita Hiroshima. É muita Nagasaki. É muito avião caindo todo dia. É muita guerra. Sim, o Brasil atingiu a macabra marca de 400 mil – perto de meio milhão – mortos em decorrência do coronavírus. 400 mil. É como se as populações de inúmeras cidades tivessem desaparecido completamente. Mas, pessoal, para além de um triste número, são 400 mil vidas, vidas humanas, de pessoas como eu e como você, como nossos pais, nossos irmãos.

É triste toda noite, ou toda manhã, ou toda tarde ficar sabendo, pela internet, TV ou pelo rádio a quantidade diária de falecimentos por uma única causa. Além de triste, é estarrecedor, é desesperador. Basta pensar, não é muito difícil, que amanhã ou não tão amanhã assim, média de pouco mais de uma semana, eu posso estar no montante dos óbitos, alguém querido próximo, algum familiar pode se somar aos que partiram.

miolo-ofrangomorto.indd 15 14/07/2023 15:02:05

O incrível é a reação já costumeira de alguns. Ou, melhor dizendo a não reação de alguns. Diante da notícia da morte de um anônimo ou mesmo de um famoso aparentemente reina uma tremenda indiferença. Pior é ver também a conformação perante os estrondosos e infelizes recordes – quem disse que o Brasil não é um país que bate recorde? – de número de óbitos em 24 horas. Ok, tudo começou em março do ano passado, portanto, há mais de um ano, mas é tempo suficiente para se acostumar?

Não bastasse morte aos montes diariamente, a pobreza, a fome, a miséria, voltam a grassar assustadoramente pelo que ainda subsiste da pátria. Nos sinais é grande a quantidade de pedintes, de flanelinhas. As moradias improvisadas nas ruas podem ser vistas com maior facilidade. O vírus mata – havia quem duvidasse, haverá ainda?! E a fome e a vida submersa no pauperismo mata aos poucos, como disse o poeta.

Milhões de brasileiros vivem em condições extremas calamitosas. Existem famílias que dependem de lixões – sim, ainda existem lixões, e muitos – para sobreviver. A má política nega condições básicas de vida digna. A dignidade humana, tão bem querida na teoria e nas leis, é esquecida, sufocada, pisoteada por cérebros, mãos e pés, respectivamente geralmente poderosos. Enquanto uns não tem sequer um prato de comida, outros esbanjam fortunas bilionárias. É a isso que chamam de civilização? Certamente, na diversificada língua portuguesa, haverá palavra que melhor expresse tal realidade.

miolo-ofrangomorto.indd 16 14/07/2023 15:02:05

Tem mais: enquanto uns fazem festas com aglomeração, outros tantos padecem e morrem nas UTIs. Muitos sorriem alegres satisfeitos – com o que mesmo? – enquanto outros choram o parente que nunca mais verão vivo.

Em meio ao entra-e-sai de ministros e CPI a pergunta fundamental é: cadê a vacina? Único meio, mas não a salvação total, para estancar a sangria segue chegando aos poucos, mas chegando. Tirando um pouco do contexto do livro de Marcos, ouso perguntar com Cristo: ó mundo pandêmico até quando vos terei de suportar?

O Estado, 05/05/21

miolo-ofrangomorto.indd 17 14/07/2023 15:02:05

Informações e interrogações

Diz o poeta: "Calo-me, espero, decifro. /As coisas talvez melhorem"[1]. Não sei, Drummond, tá difícil achar que mesmo talvez as coisas melhorem. Mesmo que calemos, guardando o luto por tantos irmãos. Mesmo que esperemos pacientes, mas vigilantes a lentidão desse caos passar. Mesmo que tentemos decifrar a nova esfinge. Cadê a vacina? É um pinga-pinga de tão pouca. E o povo continua sendo infectado, sofrendo e morrendo de coronavírus. Quantas ondas vão ser necessárias pra conscientização geral? Vamos para a terceira?

Os historiadores quando se debruçarem sobre o início da década de 20 do século XXI vão ter uma baita trabalheira. E os que quiserem contar a história do Brasil? Boa sorte. O certo é que esse vírus marcou e mudou nossa história definitivamente. Já os ficcionistas futuros terão inspiração de sobra no Brasil pandêmico de 2021.

---

1. ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. São Paulo: Companhia das letras, 2012, p. 23.

miolo-ofrangomorto.indd 18 14/07/2023 15:02:05

E a tragédia na creche em Santa Catarina? Um horror. Morte de três crianças e dois adultos a facadas. E estão se esforçando pela liberação de armas, armas e mais armas. Querem o quê? Um bang bang? E o ator-humorista que morreu? Comoção nacional. E as 815 mortes maternas em decorrência do coronavírus? Órfãos de uma doença para a qual já existe vacina. No futuro perguntarão por suas mães, que história ouvirão?

E a CPI? Potencialmente pode ser boa e fazer muito pelo país e por nós, povo que clama por socorro. No caos eminente, que volta e meia ameaça retornar, ainda bem que existiram e existem governadores e prefeitos sérios e comprometidos com a preservação da vida.

Mas será que o povão está empenhado na própria preservação? É, Drummond, tá difícil.

E as insinuações à China? A turba andou criando até neologismo xenófobo e filiando o gentilício da nação da grande muralha ao vírus. Felizmente, a técnica e a ciência, dão nome, aí sim, nome e lógica para a denominação do fenômeno. País parceiro comercial e importante fornecedor de insumos para as vacinas. Na Europa, ameaçam boicotar produtos daqui, de olho no tratamento que anda sendo dado ao meio ambiente. Afinal, a boiada tá passando?

Muitas interrogações e muitas informações num único texto, né? O Brasil tá assim, o mundo tá assim.

As meninas – não as do romance da Lygia (procurem saber) – da extinta banda, bem cantaram que o rico cada vez fica mais rico e o pobre cada vez mais pobre. Segundo a

miolo-ofrangomorto.indd 19 14/07/2023 15:02:05

Uma irmã culta, pelo menos formalmente, a outra com a cultura da vida, sem a cultura dos livros – a não ser o conjunto de livros que é a bíblia –, sem graduações, mestrados e doutorados. Rosa, fã de Bach, põe o disco com músicas dele e relaxa, admirando sua flor. Margarida ajoelha-se, acende vela e se persigna.

Elas brigam muito. A doente, presa na cadeira, queixa-se da irmã: não cuida bem dela e só sobrevive por causa da irmã inválida. A cuidadora, também reclama das muitas tarefas a cumprir: fazer papa para a enferma, segurá-la para urinar, limpar a casa. Em meio a tantas brigas, resmungos e lamúrias, é que pode ser percebida a dependência existencial que uma tem da outra.

No fim da história, que não é muito feliz, o interesse financeiro e a vontade de uma de se livrar da outra, faz despertar em ambas o lado cruel do ser humano. As próprias reconhecem que são, as duas, não só uma, não só outra, simplesmente malditas.

Muito bom presenciar e sentir de novo a atmosfera do teatro. O efeito das luzes, a sonoridade próxima, o cenário perto, a entrega dos artistas aos personagens em pleno palco.

O Estado, 10/08/22

miolo-ofrangomorto.indd 145 14/07/2023 15:02:08

LIVROS ILUMINAM

Este livro foi composto em ITC New Baskerville Std pela Editora Penalux e impresso em papel off-white 80 g/m², em julho de 2023.